

Maíra

Darcy Ribeiro

O autor

A obra de Darcy Ribeiro está impregnada de brasilidade. Os escritos desse sociólogo, educador, antropólogo, indianista e político são um mergulho nas entranhas do espírito brasileiro; trata-se de uma radiografia da formação de nosso povo. Tanto em sua ficção quanto em seus ensaios estão presentes os fatores constitutivos da nação: a violência da colonização, a peculiaridade de uma miscigenação tantas vezes louvada, a tropicalidade inerente à cultura etc. Seus livros representam, de fato, uma história do Brasil, mas uma história vista — e muitas vezes narrada — sob o ângulo de quem a sofreu: índios e negros, sobretudo. Fugindo de todo academicismo, Darcy Ribeiro procurou fazer mais do que, baseando-se em modelos teóricos estrangeiros, refletir acerca da constituição do povo; sua ambição era a de construir um amplo panorama antropológico, que fosse um painel explicativo do Brasil para os brasileiros. Polêmico, crítico, dono de um carisma arrebatador, utilizou-se da antropologia menos como teoria e mais como um instrumento de transformação social.

A obra

Uma das facetas do educador, antropólogo e político Darcy Ribeiro se pautou pela busca da compreensão do choque (ou integração) entre o universo do branco e o do índio, além de uma militância ostensiva na busca da transformação do Brasil em um país mais justo e, nas suas palavras, como protagonista de um "desenvolvimento autônomo". O primeiro romance escrito pelo autor, *Maíra*, é, com certeza, um marco nessa batalha. Publicado pela primeira vez em 1976, a obra teve 48 edições em oito línguas. Ganhou, em 1996, uma edição comemorativa, com resenhas e críticas de Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Moacir Werneck de Castro e Antonio Houaiss, entre outros. A obra já foi adaptada para o teatro e, pouco antes da sua morte, em 1997, Ribeiro anunciou um contrato para que ela vire um filme.

Darcy Ribeiro realizou esta obra em plena maturidade criativa. Começou a escrevê-la no exílio, através de lembranças de sua trajetória no meio dos indígenas, em companhia, inicialmente do general

Cândido Rondon, depois como etnólogo, convivendo por muito tempo com várias etnias. Seu romance é narrado em quatro movimentos: Antífona, Homilia, Cântico e Corpus. Como uma espécie de celebração, os fatos vão nos permitindo descobrir a visão de mundo dos silvícolas, a importância dos mitos, o papel do homem e da mulher, a relação com a natureza, o significado das indumentárias, a força das cores e da influência dos astros no cotidiano da aldeia. Lições de convivência entre o homem e o meio ambiente.

A obra narra a história de um índio que, adotado por um padre e convencido a seguir o sacerdócio, questiona sua verdadeira fé e entra em conflito por ter abandonado seu povo.

Maíra é bastante oportuno para entender o conflito de seres que se separam das suas raízes culturais e buscam recuperar sua identidade. Em *Maíra*, Darcy Ribeiro revive as emoções dos anos em que conviveu com os índios, seu tema é a dor e o gozo dos índios.

O livro narra a história de um índio que, adotado por um padre e convencido a seguir o sacerdócio, questiona sua verdadeira fé e entra em conflito por ter abandonado seu povo.

Os dois personagens principais, o índio Avá e a jovem loura Alma, por vezes se perdem na busca de uma integração sem conflitos, enveredando pelo caminho da auto-destruição. Avá saiu de sua aldeia ainda menino, para se tornar sacerdote cristão e “aprender com os padres a sabedoria dos caraibas”. Depois de ir até Roma, ele volta para sua tribo como se tivesse “perdido a alma, roubada pelos curupiras e vivido por anos a fio como bicho entre os bichos”. Seu drama instiga o leitor na sua volta: “Tudo que tenho são duas mãos inábeis e cabeça cheia de ladainhas. E este coração aflito que me sai pela boca”.

Em alguns momentos, Darcy Ribeiro nitidamente se une ao angustiado índio Mairum, que vive extirpado de suas tradições, e constrói com o leitor um coro de indignação. “Este é o único mandato de Deus que me comove todo: o de que cada povo permaneça ele mesmo, com a cara que Ele lhe deu, custe o que custar. Nosso dever, nossa sina, não

sei, é resistir, como resistem os judeus, os ciganos, os bascos e tantos mais. Todos inviáveis, mas presentes.”

Renomeado com o nome cristão Isaías, o profeta bíblico, o personagem Avá também é um dos porta-vozes do discurso veemente e indignado que perpassa toda a obra, escrita em tempos de censura e perseguição. Nos tempos em que a ditadura assolava o interior do país em busca de "integrar" o índio à sociedade e o próprio Darcy Ribeiro se encontrava no exílio, a busca persistente da resistência em meio ao caos é claramente perceptível ao leitor.

O livro é também intercalado por relatos detalhados da natureza, cenário em que ocorre boa parte da trama. Pássaros, rios e caçadas, o cheiro da morte e dos rituais fúnebres, o sexo, as festas e as lutas, tudo aparece ardente na narrativa, só contida pelo lamento da perda das tradições que o antropólogo insistiu, até o fim da vida, em reconhecer e valorizar como suas também.

A obra é uma combinação de recursos da linguagem literária e filosófica, aventura conseguida apenas por Platão, em Diálogos, e no teatro de Sartre. Reflete uma opção clara de linguagem e de visão de mundo que se alinha na tradição de construção de uma literatura que procura expressar e interpretar nossa "brasilidade" ou, como prefere (e se empenha) seu autor, realizar "um espelho para o brasileiro se ver".

Segundo o próprio Darcy Ribeiro, em Maíra ele entra no corpo do índio e olha o mundo com os olhos do índio. Tenta carnalizar a dor de ser índio. É também um livro de gozo, da gente que não herdou a brutalidade, a bossalidade judaica-cristã, coisa que ele, autor, nunca poderia ter expressado como antropólogo que é.

O resultado é a partilha com o leitor do sistema de valores de uma cultura indígena tão rica, oprimida, e contraditória com os valores hegemônicos da nossa sociedade.

Fragmento

“Para mim esses mairuns já fizeram a revolução em liberdade. Não há ricos, nem pobres: quando a natureza está sovina todos emagrecem, quando a natureza está dadivosa todos engordam. Ninguém explora ninguém. Ninguém manda em ninguém.

Não tem preço esta liberdade de trabalhar e de folgar ao gosto de cada um. Depois, a vida é variada, ninguém é burro, nem metido à besta. Para mim a Terra sem Males está aqui mesmo, agora. Nem brigar eles brigam. Só homem e mulher na fúria momentânea das ciúmeiras. Deixa essa gente em paz, Isaías. Não complique as coisas rapaz”.

Resenha

Resenha sobre MAIRA, de Darcy Ribeiro, Civilização Brasileira, publicada na revista Veja em 20 de outubro de 1976.

O futuro cacique de uma tribo da Amazônia sai menino de sua aldeia e vai para o seminário, onde o contato com os padres lhe tira a fibra de guerreiro: fraco e contraditório, ele jamais poderá ser o tuxana da tribo mairum, tão esperado por seus irmãos, que o viam como uma esperança de salvação do extermínio. Essa tragédia - como procura demonstrar o antropólogo Darcy Ribeiro neste seu primeiro romance - não seria um acidente provocado pelo erro da política colonialista, mas sim o resultado natural da colonização, que procura apenas tirar os índios do caminho. As provas da violência contra o índio são minuciosamente levantadas e analisadas pelo autor, num relato profundo e apaixonado que faz do livro um dos romances brasileiros mais importantes dos últimos anos, tanto pela urgência do tema como pelo enfoque: o drama mairum é visto de dentro, por alguém que mostra a verdadeira natureza dos índios e a dimensão real da sua cultura. A filosofia dos mairuns é visceral e fisiológica, e sua sabedoria não vem da mortificação, mas da glorificação do corpo e da noção do seu significado dentro do universo. Os costumes indígenas, tão ridicularizados pelos brancos, em vez de serem apresentados como manifestações bizarras e atrasadas, estão profundamente identificados com as manifestações da natureza.

Alma seca - O romance, escrito no mesmo ritmo dessa cultura marginalizada e mágica, é também uma viagem através do corpo. Isaías - personagem central e futuro tuxaua -, ao perder sua identidade e sua fé na vida, ao secar sua alma no seminário, fica com o corpo precocemente envelhecido. A perda da sua alma na civilização branca equivale à perda do seu corpo - mantendo relações sexuais com todos os homens da tribo, transforma-se em mixiroxã, uma espécie de sacerdotisa do amor. Na

mitologia indígena, a luta entre Maira-Coraci, o sol e Maira-Ambir, seu pai, o Deus Criador, é também uma luta corporal, pois o filho rouba partes do corpo do pai para dar aos homens.

Do ponto de vista do civilizado, com suas religiões de desprezo ao corpo, a criação do mundo narrada pelos mairuns - e divulgado por Darcy Ribeiro ao longo do livro, em capítulos curtos - é profundamente imoral: o filho de Deus é apenas o seu arrotto, e sua luta contra o Deus Pai é feita com todos os recursos do corpo, como a habilidade manual e a força, além da famosa manha indígena. Numa luta contra uma entidade do Criador, Maira vence com a ajuda do seu irmão Micura-Laci, a lua, que solta gases fecais contra o nariz dessa entidade. E a superioridade de Maira-Coraci é tanta que seu pai se transforma em Maira-Manon, o Deus-Defunto, que rege o mundo dos mortos.

Fim dos Tempos - Por isso, a subversão colonizadora manifesta-se principalmente no corpo, o elemento básico da civilização indígena. A deterioração física dos mairuns, na visão de Darcy Ribeiro, representará o sinal evidente desse fim-dos-tempos na mata, que coincide com o fim da ação pastoral dos padres católicos na tribo. Pois os mairuns, já totalmente dominados (e dizimados), deixam de ser a preocupação principal da missão religiosa por decisão de um senador empenhado em fazer a distribuição das terras e empresários. O político determina que os religiosos passem a distribuir a palavra de Deus entre os Epexãs, índios arredios e violentos, que poderiam confundir o gado das grandes fazendas como uma nova caça.

Apesar da crítica contundente, Darcy Ribeiro não cai apenas num necrológio. Para ele, o que realmente importa não é a morte dos mairuns, já condenados às doenças da civilização e aos limites da sua aldeia, por sinal muito mal cuidada por um homem da Funai. O importante seria a luz que essa tragédia revela - os índios dão uma chave para a salvação, que é a convivência com a natureza. Pois, na verdade, é o mundo destruído (simbolizado por Alma) quem procura auxílio indígena, querendo entender a fórmula de viver feliz. E este livro excepcional de Darcy Ribeiro oferece uma maneira de se entender tal fórmula, tão simples quanto difícil de alcançar.